

Editorial / Editorial

Dedicamos esta edição da revista a Benedict Anderson, falecido em 13 de dezembro de 2015. Uma das mais notáveis personalidades na área da Ciência Política e das Relações Internacionais, autor do clássico “Comunidades Imaginadas”, referência na literatura especializada sobre as nacionalidades, Anderson integrou por 10 anos o Conselho Consultivo de Tensões Mundiais. Sua derradeira visita à Fortaleza ocorreu em meados de agosto de 2015, ocasião em que participou do Simpósio Internacional “Nação, Literatura e Experiências Transcontinentais”, na Universidade Estadual do Ceará, e lançou seu mais novo trabalho, “Sob Três Bandeiras: anarquismo e imaginação anticolonial”. O livro trata das complexas interações entre política e cultura no final do século XIX, tendo como pano de fundo o movimento anarquista. As insurreições nacionais em Cuba (1895) e nas Filipinas (1896) revelam, além dos laços entre militantes de vários continentes, os processos que possibilitaram a emergência de uma *coordenação transglobal* das lutas anticoloniais. Ben, como gostava de ser chamado, exerceu, e ainda há de exercer, profunda influência sobre aqueles que se dedicam aos estudos da nação.

Durante o Simpósio Internacional, Luís Cláudio Villafañe expôs suas ideias sobre a formação do sentimento nacional na Argentina e no Brasil. A apresentação originou o artigo que ora publicamos e cujo argumento central é o de alteridade como elemento-chave na construção da identidade nacional. Assim, para o autor, a nacionalidade brasileira alicerçou-se sobre suas diferenças – reais ou imaginadas – com relação aos países vizinhos, em especial os da região do Rio da Prata, onde os contatos e intercâmbios eram mais intensos. Nesse contexto, a Argentina desempenha importante papel como contraponto da nacionalidade brasileira. As relações, ora de conflito, ora de cooperação, reforçam as identidades das duas nações que, em 1991, deram os primeiros passos para a criação do MERCOSUL. Não obstante as dificuldades, a iniciativa

de integração regional vem gerando mecanismos de cooperação, de modo que os interesses divergentes tendem a acomodar-se a interdependência a prevalecer sobre a competição.

Prosseguindo o debate sobre este tema, Jamile Tajra compartilha seus estudos acadêmicos sobre o Parlamento do MERCOSUL, no período de 2007 a 2014. Seu olhar é direcionado para um aspecto da atualidade: a representação dos povos e a cidadania sul-americana. O conteúdo da cidadania proposta para os nacionais dos Estados-partes do MERCOSUL teria como eixos a livre circulação de pessoas na região; a igualdade de direitos e liberdades civis, sociais, culturais e econômicas; e a igualdade de condições para acesso ao trabalho, saúde e educação. A autora conclui que as ações do Parlasul priorizam os direitos civis, como o livre exercício profissional, em detrimento dos direitos sociais, revelando a persistência do viés comercial da integração sul-americana.

Os dois próximos artigos são de jovens professores da Universidade Nacional da Patagônia Austral que investigam os significados das ideias de nação nas narrativas dos petroleiros e suas famílias. Aylem Luperti e Cristina Cabrera examinam as experiências femininas, a partir de entrevistas com as esposas de antigos trabalhadores da Yacimientos Petrolíferos Fiscales / YPF. Seu propósito é contribuir para um melhor entendimento das representações de Estado e Nação em uma perspectiva de gênero, tendo como referência os conceitos formulados por Renan e Anderson. Os primeiros resultados revelam a percepção da empresa como “uma grande família” que rege a vida pública e privada das mulheres. Em outras palavras, a legitimação do Estado-nação é garantida por relações de poder entre gêneros.

Os vínculos entre nação e trabalho estão na base da pesquisa realizada por Milton Riquelme acerca do mundo do petróleo na Patagônia argentina. Amparado na trajetória de vida de um petroleiro que trabalhou durante 25 anos na YPF, o autor analisa as transformações decorrentes de sua privatização e posterior nacionalização. Para efeito, recorre a Marx e Althusser, bem como à noção antropológica de descontinuidade. O exame das mudanças nas condições de trabalho sob o neoliberalismo possibilita conjecturar sobre a história recente da Argentina e de sua principal

fonte de energia, fator imprescindível para a pretendida soberania nacional. Discussão pertinente em um momento em que as reservas de petróleo nos dois países que exercem a liderança no MERCOSUL, Argentina e Brasil, são alvo da cobiça internacional, em particular, dos Estados Unidos.

Contrariado em seus interesses pelos governantes latino-americanos que buscam alternativas de desenvolvimento, o império persiste em seus esforços para renovar a duradoura intervenção no Continente. Daniel Zirker se detém no caso específico do Brasil e lembra o livro de Jan Black que, nos idos de 1977, descrevia as argutas estratégias de “penetração estrangeira”. Na sequência, se debruça sobre alguns telegramas confidenciais do Departamento de Estado, os quais assinalam a interferência direta dos EUA na política externa e doméstica brasileira. Publicados pelo *Wikileaks*, em 2010 e 2011, sob o título de “*Cablegate*”, foram amplamente divulgados em *sites* de internet e jornais, ao longo dos anos seguintes.

Os conflitos sangrentos na Síria e Chechênia vêm ocupando boa parte do noticiário internacional. Se a grande mídia, por um lado, destaca a atuação dos Estados Unidos como paladino da democracia, por outro, omite as complexas relações entre a Rússia e as regiões que integravam a antiga União Soviética. Miroslav Hroch observou que os ocidentais costumam atribuir às ordens de Moscou quaisquer mudanças constitutivas no Oriente e considerar os países pós-comunistas dominados por um nacionalismo destrutivo. No intuito de explorar estes aspectos, Diego Pautasso, Gabriel Adam e Bruno Lima analisam a política externa da Rússia em face da crise síria, após a chamada Primavera Árabe de 2011; já Marcos Ferreira e Miguel Hannes pretendem mostrar como age o Estado russo sob a presidência de Putin para garantir a estabilidade do sistema político em uma região de forte tendência separatista como a Chechênia. Com visões distintas, ambos os artigos abordam fenômenos da atualidade: a insurgência, o fundamentalismo islâmico e o separatismo.

O conceito de democracia envolve valores, normas, atitudes e práticas que organizam a vida em sociedade. Ricardino Teixeira faz uma exposição minuciosa das correntes teóricas agrupadas

sob a denominação de democracia representativa e democracia participativa. Seu artigo nos desafia a pensar o processo democrático na África em meio a tensões de toda ordem. O modelo liberal de democracia, a globalização e a crise climática são apontados por João Urt como podendo ser ou não benéficos para os povos indígenas enquanto atores não-estatais. A escolha destes três elementos, embora limitada, como reconhece o próprio autor, contribuiria para iniciar um diálogo com os protagonistas visando sua emancipação.

Encerramos a presente edição com um estudo que aborda um fator crucial para a consolidação de sentimentos e idiomas nacionais: o romance. Manuela Barros e Erotilde Honório centram atenção nos romances sentimentais contemporâneos, consumidos em mais de 114 mercados culturais do mundo, dentre eles o Brasil. O sucesso da Coleção Biblioteca das Moças junto às camadas médias no período de 1930 a 1960 é o objeto das reflexões sociológicas das autoras. Argumentam que o imaginário romântico presente nesse conjunto de obras reforçou o *ethos* de uma sociedade patriarcal e autoritária.

Os editores